

GLOBALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM *REPRODUÇÃO*, DE BERNARDO CARVALHO

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira (FURG)¹

Resumo: O presente trabalho reflete acerca da forma como Bernardo Carvalho aborda questões relacionadas à globalização e a identidade em *Reprodução* (2013). Em sua obra, Carvalho (2013) dá destaque para a forma como os sujeitos recebem e reproduzem informações no mundo atual, mostrando também como a internet tem grande impacto em nossa sociedade que vive em um processo de globalização. O protagonista da narrativa é o estudante de chinês, alguém que busca mudar de país para que possa encontrar sua verdadeira identidade, já que não se identifica com a brasileira. Isto posto, o objetivo aqui é discutir a maneira como os processos de globalização e de formação identitária são abordados na obra.

Palavras-chave: Globalização; Identidade; *Reprodução*.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar o papel da identidade dentro de uma sociedade marcada pela repetição de informações e que é representada na obra *Reprodução*, de Bernardo Carvalho. Para tanto, é necessário considerar que o personagem principal da narrativa de Carvalho (2013) não consegue dar conta de sua própria realidade, pois apresenta informações que não condizem com a verdadeira situação brasileira. Além disso, tais informações passam por um processo de reprodução, sem que exista a tentativa de refletir criticamente acerca do conteúdo que é propagado.

Outro ponto de destaque na obra é o fato de que o protagonista não consegue perceber sua identidade como brasileira, uma vez que não possui uma identidade definida, pois não se identifica com a cultura de seu país e não consegue se apropriar plenamente da cultura do outro, a chinesa, da qual tenta aproximar-se.

A tentativa mais evidente de entender esse outro é a que é feita por meio do estudo da língua chinesa, fenômeno bastante relevante se levarmos em consideração o fato de que língua e identidade estão intimamente relacionadas. Sendo assim, o escritor preocupa-se em retratar a fragmentação identitária do personagem, que é reflexo da fragmentação do sujeito contemporâneo.

¹ Graduada em Letras-Inglês (UFPel), Mestre em Letras, área de Literatura Comparada (UFPel), Doutoranda em História da Literatura (FURG). Contato: ortiz.greice@gmail.com.



Carvalho (2013) divide sua obra em três partes intituladas respectivamente de: “A língua do futuro”, “A língua do passado” e “A língua do presente”. Para o personagem principal da narrativa, a língua do futuro seria o chinês e é por esse motivo que ele decide dedicar seis anos de sua vida estudando essa língua e tentando entender a cultura desse povo, ainda que sua tentativa seja frustrada, visto que ele não consegue se expressar na língua estudada.

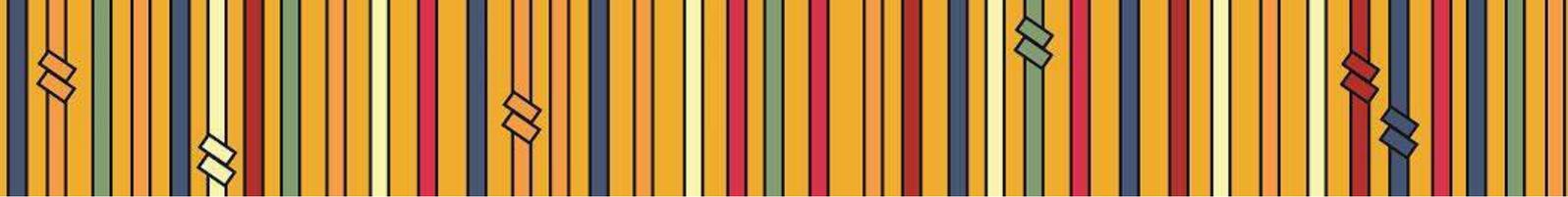
Além disso, outra tentativa frustrada do protagonista é sua tentativa falha de dar conta da experiência, pois vemos ao longo de toda a obra de Carvalho (2013) que as informações estão disponíveis e existe uma reprodução distorcida delas, mas não existe uma experiência real vivenciada pelo estudante de chinês. O estudante se apresenta como alguém que lê sobre tudo e, por isso, se vê como um grande detentor de conhecimento. No entanto, as informações apresentadas ao leitor são advindas de redes sociais, blogs, revistas e outros meios que têm grande circulação, mas que por vezes apresentam informações que não condizem com a realidade.

Por fim, consideramos que o personagem está em busca de uma definição identitária por meio da tentativa de aproximação com a cultura chinesa. Todavia, nesse processo de formação de identidade, percebemos que o estudante de chinês é um indivíduo que não é unificado, mas sim fragmentado. Isto posto, pretendemos discutir neste trabalho a forma como o personagem de Carvalho (2013) foi constituído e como podemos relacionar isso com o indivíduo contemporâneo.

Língua e identidade

Não há como pensar em identidade sem pensar em língua, pois é por meio da língua que informações são veiculadas e que existe uma interação e troca de conhecimento entre os indivíduos. A língua faz com que os indivíduos passem a se identificar com determinada cultura e, por isso, está intimamente relacionada com a identidade.

Nesse sentido, José Ricardo Carvalho (2008) e Jean Baptiste Nardi (2002) discutem as relações entre língua e identidade e compartilham da ideia de que a língua é um dos meios que permite aos indivíduos identificarem-se com determinada sociedade. Os autores defendem teorias bastante semelhantes, pois ambos se concentram em questionar a imposição de uma norma culta que não condiz com o uso real da língua. Carvalho (2008) considera que desde o processo de colonização a língua brasileira vem



sendo constituída por interações e trocas entre os usuários das línguas que aqui eram faladas. A língua que falamos hoje, para Carvalho (2008), é diferente da língua oral e escrita idealizadas que circulam nas gramáticas, que são resultado de uma imposição de uma norma culta que reflete o domínio de um grupo social sobre outro por meio da língua.

Em relação a isso, Nardi (2002) apresenta argumentos que vão ao encontro dos de Carvalho (2008), mas vai além uma vez que tenta solucionar impasses a respeito da relação entre língua e cultura, pois considera que a cultura é resultado das relações entre o homem e o mundo, sendo possível somente a partir de uma linguagem articulada. Ao refletir sobre essas questões, o autor irá afirmar que “Não há como duvidar de que a língua é fator de unificação e criadora de uma consciência nacional.” (NARDI, 2002, P.12)

A partir dessa afirmação, podemos concluir que se a língua unifica uma nação e cria uma consciência nacional, ela certamente está relacionada com a identidade. Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre a grande importância que Carvalho (2013) dá ao papel da língua em sua obra. Em relação a isso, é possível mencionar que o escritor divide seu livro em três partes com títulos que contêm a palavra “língua” e que o personagem principal de sua obra dedica anos de sua vida a estudar uma nova língua, sem conseguir utilizá-la para expressar-se. O personagem, aliás, falha até mesmo em comunicar-se utilizando sua própria língua.

Nessa perspectiva, é importante destacar que o livro inicia com uma reflexão acerca da incapacidade do estudante de chinês em exprimir o que está sentindo por meio da linguagem. A obra de Carvalho (2013) começa da seguinte maneira: “Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que ele tem a dizer.” (p. 9). Logo, constatamos que a busca pelo entendimento do chinês é decorrente da necessidade de encontrar um meio de conseguir se expressar.

No entanto, o personagem, mesmo após seis anos de estudo, não consegue se comunicar utilizando o chinês, uma vez que ele acaba entendendo que apenas decorou a língua, mas não é capaz de utilizá-la para se comunicar com os outros, concluindo que: “Posso repetir tudo o que decorei, mas para falar com quem?” (CARVALHO, 2013, p.159). Os esforços em dominar o novo idioma são decorrentes da tentativa do



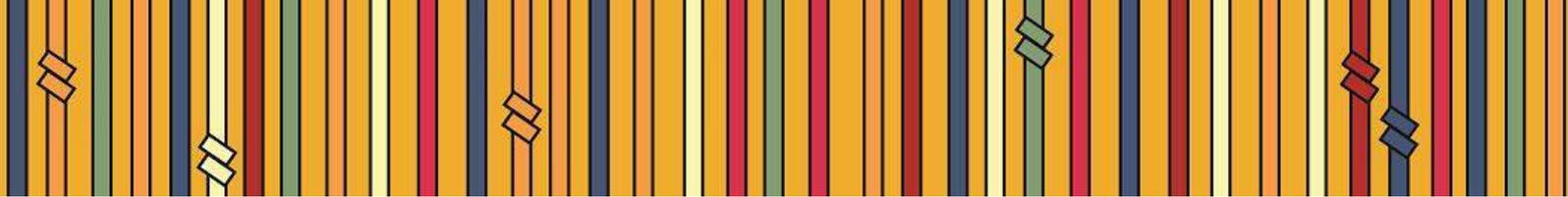
estudante de se aproximar da cultura chinesa e identificar-se com ela. Todavia, ele não consegue atingir seu objetivo. Ao longo da narrativa, o personagem chega a afirmar mais de uma vez que é chinês e que poderia provar, apesar de não se parecer com um chinês.

Ademais, admite que tinha a intenção de buscar um sentido para sua vida no país ao dizer que teve que gastar bastante dinheiro para buscar suas origens na China. Na verdade, o personagem quer negar seu pertencimento à cultura brasileira, pois afirma várias vezes que qualquer povo é superior ao brasileiro. Ao falar sobre sua origem chinesa, o personagem diz:

O Brasil é que é o país do atraso. Ninguém precisa estar à frente do seu tempo para estar errado no Brasil... Todo mundo nasce brasileiro até prova em contrário. Ninguém quer ser brasileiro. Mas tem que provar que não é brasileiro, com suor e sangue. E aqui não tem sangue. Todo mundo nasce brasileiro, inocente, sem memória, sem educação, sem peso, sem luta, sem sangue. País light, da miscigenação, sem racismo. Por isso que o senhor não reconheceu logo o meu sangue chinês. Mas chinês reconhece de longe. (CARVALHO, 2014, p.44-48)

Logo, podemos afirmar que a identidade sempre é constituída a partir da diferença. O estudante de chinês não se identifica com a cultura brasileira e não consegue se expressar utilizando a nossa língua. Então, ele tenta se aproximar da China e aprender um novo idioma, pois considera que os chineses são completamente diferentes dos brasileiros. Em relação a isso, Kathryn Woodward (2000) ao refletir sobre identidade afirma que essa é relacional e marcada pela oposição. Além disso, argumenta a favor de um reconhecimento da identidade, mas não acredita em unidade. Sobre isso, com base nos apontamentos da autora, pode-se dizer que há dois modos de definir a identidade: no primeiro, a definição é essencialista e é dito que existe um conjunto de características partilhadas por todos e que não se altera ao longo do tempo. Já na definição não-essencialista, a identidade focaliza a diferença, assim como as características comuns partilhadas.

Woodward (2000) irá dizer, ao longo de seu texto, que é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos ser definidos por nossa posição sexual, social ou política,



sendo que a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades que podem entrar em conflito.

Levando em consideração as ideias de Woodward (2000) e entendendo que a identidade é construída por oposição, sendo que hoje precisamos assumir diferentes identidades, podemos dizer que o estudante de chinês está tentando se aproximar da cultura chinesa, por meio de uma oposição com a brasileira. Para ele, a essência do povo brasileiro está relacionada a uma nação sem memória e educação. As comparações feitas entre o Brasil e a China pelo estudante são muitas e não é apenas dessas culturas que o personagem fala, pois ele acredita ser detentor de conhecimento suficiente para discutir acerca dos costumes de qualquer povo e sabe que cada povo possui uma natureza diferenciada.

Ainda sobre as oposições entre Brasil e China, quando está sendo interrogado pelo delegado a respeito de seu possível envolvimento com a professora de chinês, que estava sendo acusada de tráfico, o personagem fica sabendo que o trânsito está terrível porque a população ajoelhou-se nas calçadas para rezar e fica indignado com a atitude das pessoas, comentando: “Cada povo com sua cara. Não adianta querer mudar, imitar chinês, inglês, americano. Cada um com a sua identidade. Não é assim?” (CARVALHO, 2013, p.80). Ao fazer esse comentário, o estudante mostra que tem conhecimento do processo de construção identitária. Sendo assim, podemos dizer que existe uma discussão da identidade na obra e que a língua e a cultura estão relacionadas com a identidade de uma nação.

Por fim, não é possível pensar em uma unificação das identidades porque a nossa sociedade é fragmentada e a pós-modernidade trouxe como consequência a perda de todas as certezas que antes existiam. Stuart Hall (2005) afirma que as velhas identidades, que por um longo período unificaram o mundo, estão em declínio e, por isso, temos que considerar a fragmentação do indivíduo moderno, pois não existe mais um sujeito uno. Sendo assim, o personagem da obra de Carvalho (2013) é fragmentado e não possui uma essência porque as certezas que existiam já não são mais válidas e as identidades de hoje não são mais estáveis.

Cultura de massa, excesso de informação e falta de experiência

Ao refletir sobre o processo de globalização e suas implicações nas formas e técnicas literárias, Leila Perrone-Moisés (1998) considera também as consequências da



cultura de massa na sociedade contemporânea. Não é apenas nas obras literárias e estéticas que a globalização acaba influenciando, mas também na cultura popular.

O sujeito contemporâneo tem acesso a tudo o que se passa no mundo, todas as informações e acontecimentos. No entanto, o excesso de informação disponível acaba não auxiliando tanto no processo de análise dos dados encontrados, mas na maioria das vezes contribuindo para repetição acrítica dessas informações. Sobre isso, Perrone-Moisés (1998) diz: “A globalização... tende não a unir, mas a unificar (a indiferenciar) os repertórios pelos meios de comunicação.” (p. 204).

Em relação a isso, entendemos a grande influência dos meios de comunicação para a cultura de massa e podemos dizer que a internet exerce um papel de grande destaque na enorme circulação de informações que ocorre na sociedade contemporânea. Além da internet, revistas e jornais têm um papel relevante também. É importante mencionar ainda que o acesso a esses meios de comunicação é facilitado, o que está relacionado à forma como as informações circulam rapidamente e atingem grande número de indivíduos. O pensamento lógico seria, então, de que se o acesso à informação é facilitado os indivíduos estão tendo maiores chances de formularem reflexões críticas acerca do que leem.

No entanto, o que está ocorrendo na verdade é uma reprodução do conhecimento, que é repassado de forma rápida, mas sem passar por um processo de análise e formação de opinião crítica. O que acaba acontecendo, dessa maneira, é que as notícias se transformam em uma repetição de valores e preconceitos já formados. Sobre isso, Perrone-Moisés (1998) afirma:

Não há sinais de que as novas tecnologias da comunicação estejam contribuindo para a troca de informações culturais consistentes e significativas; o que se vê é uma proliferação de dados superficiais relativos a todas as áreas e a todas as culturas, embalados em invólucros vendáveis e precípeis na memória dos usuários. (p.204)

Dessa forma, podemos afirmar que a grande circulação de informações não assegura um pensamento crítico. O sujeito contemporâneo, na verdade, é um reprodutor dos discursos que são difundidos em nossa sociedade, uma vez que os meios de comunicação não estão contribuindo para uma troca de conhecimento significativa.



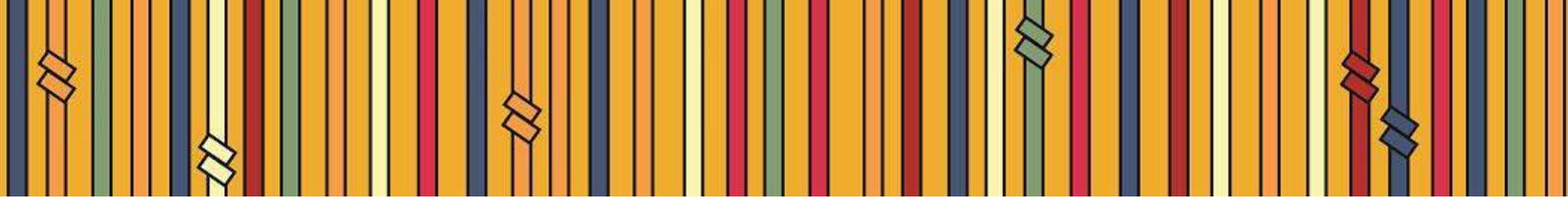
Sendo assim, podemos afirmar que o personagem principal da obra de Carvalho (2013) se encaixa nessas noções, uma vez que o estudante de chinês acredita que tem informações e opinião própria, mas na verdade está simplesmente repetindo ideias sem interpretar ou checar as informações que espalha. Carvalho (2013) avisa isso ao leitor na orelha de seu livro, ao afirmar que:

Acontece que esse ‘estudante de chinês’, sujeito que chegou a trabalhar no mercado financeiro, parece encarar um típico (e problemático) personagem da nossa época: leitor de revista semanais, comentaristas de blogs (onde vitupera em caps lock contra as minorias), com um saber supostamente enciclopédico (graças à Wikipédia), e um éthos reacionário, encarna um tipo anti-intelectual que iria ganhar força em virtude do espaço relativamente livre da internet.

Essa definição de Carvalho (2013) mostra ao leitor o estudante de chinês e sua visão do mundo. O personagem, ao longo da obra, apresenta informações descontextualizadas, não consegue se posicionar de uma maneira crítica divergente do discurso popular e apresenta uma grande ligação com a tecnologia. Apesar disso, pensa estar se posicionando criticamente, mas na verdade está sendo subjugado a um discurso já existente. O acesso às informações não é restrito, mas a capacidade de dar sentido ao que ocorre no mundo é limitada, pois o sujeito contemporâneo acostumou-se a receber conceitos pré-definidos e a não tentar dar um novo sentido ao conhecimento.

Uma das razões para isso ocorrer pode ser a falta de experiência por parte dos indivíduos, no caso da obra de Carvalho (2013) a falta de experiência do estudante de chinês, que detém informações a respeito de tudo o que está ocorrendo no mundo, porém nada do que ele narra ocorreu com ele. Sobre essa ideia de que o excesso de informação pode anular a experiência e, como consequência disso, fazer com que os sujeitos se posicionem cada vez menos criticamente, ainda que expressando suas opiniões, podemos mencionar que Jorge Larrosa Bondía (2002) reflete acerca dessas questões e diferencia experiência de informação da seguinte maneira:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da



informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (p. 21-22)

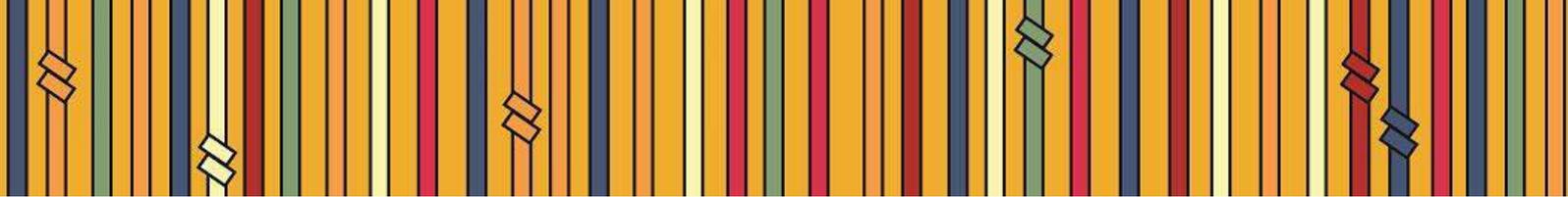
Dessa maneira, para Bondía (2002), as informações estão disponíveis, mas a possibilidade de experiência está cada vez mais infrequente, pois para o autor muitas coisas estão se passando, mas a experiência está cada vez mais rara. Uma razão para essa falta de experiência, para o autor, é o excesso de opinião, que são supostamente opiniões pessoais e críticas.

Essas considerações a respeito do exagero de informações e opiniões, além da falta de experiência, podem ser aplicadas na obra de Carvalho (2013), pois o estudante de chinês se considera “um homem informado” (p.42) e com “pensamento independente” (p.44). No entanto, o personagem na verdade é mais uma vítima do discurso que circula atualmente de que a internet dá liberdade de expressão aos sujeitos e que auxilia na construção de sentido para o mundo.

Ademais, o estudante de chinês se mostra incapaz de se posicionar criticamente e dar sentido às informações as quais têm acesso, limitando-se a reproduzir um discurso já estabelecido carregado de ideologias que circula na sociedade contemporânea. Podemos concluir, dessa maneira, que o personagem principal da obra de Carvalho (2013) acaba sendo um sujeito representativo da sociedade contemporânea por ser um indivíduo detentor de muitas informações, mas incapaz de se dar um sentido ao conhecimento que detém.

Conclusões

Procuramos evidenciar por meio das teorias e análises aqui apresentadas como *Reprodução* é uma obra que se caracteriza, também, por apresentar ao leitor um personagem que expressa de certa maneira os indivíduos da sociedade contemporânea. O personagem quer fugir do Brasil e da identidade brasileira porque não reconhece sua identidade, nem é capaz de fazer uso de sua língua materna para se expressar ou se identificar com a cultura brasileira. Nesse sentido, é possível dizer que o indivíduo contemporâneo não possui mais uma identidade unificada. O sujeito de nossa época não é mais uno e tem que assumir diferentes identidades, uma vez que a vida moderna passou a exigir isso, como declara Woodward (2000).



Além disso, é característica da sociedade atual o excesso de informações que têm grande circulação devido à facilidade de acesso e ao desenvolvimento de novos meios de comunicação que amplificam o alcance ao conhecimento. Nesse cenário, a internet tem um papel bastante importante porque faz com que todos saibam o que está ocorrendo no mundo e possibilita uma grande interação.

Ademais, a internet dá ao usuário a sensação de que pode se expressar criticamente e formular opiniões críticas. No entanto, isso na verdade não ocorre, pois o que vemos atualmente é uma reprodução desenfreada das informações que são bastante repassadas, mas muito vezes não são analisadas criticamente pelos sujeitos.

Nesse sentido, o estudante de chinês expressa a nossa realidade porque quer falar sobre tudo e emitir opiniões que julga serem originais. No entanto, o personagem acaba se contradizendo porque não analisa de maneira crítica as informações a que tem acesso. A falta de um pensamento crítico resulta, então, em uma anulação da experiência e em uma repetição de discursos e conceitos que circulam em nossa sociedade, que não têm uma origem definida. Podemos concluir, então, que o protagonista da narrativa é representativo de nossa época por deter inúmeras informações, mas não ser capaz de formular ideias originais ou de refletir a respeito das informações que recebe.

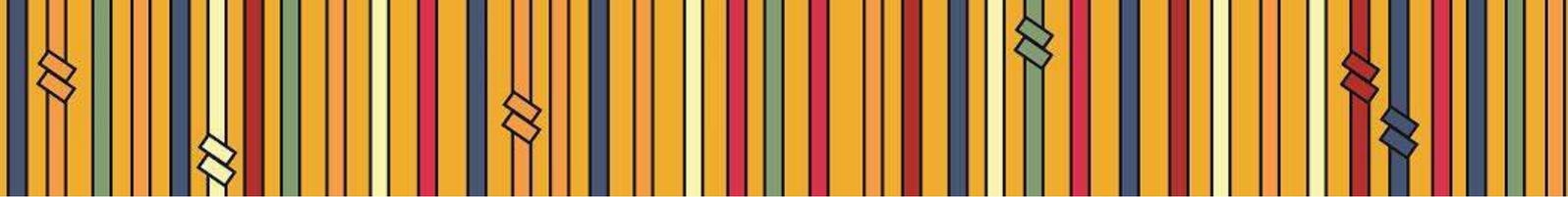
Referências bibliográficas

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, n.19: 2002.

Carvalho, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Carvalho, José Ricardo. A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada. Revista *Fórum Identidades*, Ano 2, Volume 4 – p. 83-90 – jul-dez 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.



Nardi, Jean Baptiste. *Cultura, identidade e língua nacional no Brasil: uma utopia?* O artigo foi inicialmente publicado no nº 1 da revista Caderno de Estudos da FUNESA, Arapiraca/AL, 2002.

Perrone-Moisés, Leila. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 2ª reimpressão.

Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2000.